

— Os que possuem e exploram as indústrias.
Fez-se longo silêncio.

— Parecem-me bem maus comandantes os que temos, disse ela.

— Pois diga-lhes você como devem agir.

— Não tomam bastante a sério sua situação de chefe.

— Tomam-na muito mais a sério do que você a sua de Lady.

— Mas esta minha situação é imposta. De nenhum modo eu a desejo, disse Constance quase sem querer.

Clifford parou o carro e encarou-a.

— Quem está fugindo à responsabilidade agora? Quem está agora fugindo à responsabilidade de chefe, como você diz?

— Mas eu não quero ser chefe, protestou ela.

— Ah! Mas isso é covardia. Essa situação você a tem por destino. Logo, há que sustentá-la. Quem deu aos mineiros tudo que têm, toda a sua liberdade política, sua educação, por elementares que sejam as condições sanitárias em que vivem, seus livros, sua música, tudo? Quem lhes deu isso? Os mineiros mesmos? Não! Todos os Wragbys e Shipleys da Inglaterra contribuíram com sua parte e devem continuar a contribuir. Eis aqui sua responsabilidade, Connie.

Constance ruborizou-se ao ouvi-lo.

— Eu muito quereria dar alguma coisa, disse ela, mas não me permitem. Tudo hoje é comprado e vendido — em todas as coisas de que você falou foram vendidas aos pobres, em dinheiro sonante, pelos Wragbys e Shipleys. Dar, dar, vocês não dão nem sequer uma pitada de simpatia, uma pulsação no coração. E, ademais, quem tirou ao povo a sua virilidade e a sua virilidade naturais, para dar-lhe em troca os horrores da indústria? Quem fez isso?

— E que quer você que eu faça? exclamou Clifford, esverdeando. Chamá-los para que pilhem minha casa?

— Por que Tavershall é tão feio, tão hediondo? Por que a vida dos mineiros é tão sórdida?

— Eles mesmos fizeram o seu Tavershall — maneira de exhibir a sua liberdade. Construíram por si mesmos o encantador Tavershall e lá vivem suas deliciosas vidas. Não

posso trocar minha vida pela deles. Cada inseto tem que viver sua própria vida.

— Mas você os faz trabalhar para si; vivem a vida da sua mina.

— De modo nenhum. Cada inseto descobre o seu alimento próprio. Não há lá um operário que trabalhe para mim à força.

— A vida deles é industrializada, desolada, e também a nossa! — gritou ela.

— Não acho que seja assim. O que você diz não passa duma figura de retórica, resto do romantismo mórbido e lânguido. Mas neste momento você não tem o ar duma heroína desesperançada e lânguida, minha querida Connie.

Era verdade. Os seus olhos azuis lançavam chispas, o sangue refervia nas suas faces: o seu furor de rebelião era o oposto do desânimo desesperançado. E, mentalmente, ela perguntou a si mesma, com ódio, por que motivo, sabendo que Clifford não tinha razão, não podia dizer-lhe exatamente em que ele não tinha razão?

— Não me admira que os mineiros o detestem, atenuou ela.

— Não me detestam. E você não se engane: não são homens no sentido que você dá à palavra. São animais que você não compreende, nem poderá compreender nunca. Não atribua aos outros as ilusões próprias. As massas são e serão sempre as mesmas. Em que diferiam os escravos de Nero dos nossos mineiros ou dos operários de Ford? Em muitíssimo pouco. Falo dos escravos que trabalhavam nas minas, e nos campos. Massas; nada as muda. Um individuo pode emergir da massa — mas esse fato excepcional não altera coisa nenhuma. Ninguém muda as massas — eis uma das mais importantes verdades da ciência social. *Panem et circenses!* A educação moderna parece um mau sucedâneo do circo de Roma. O que hoje nos perde é termos feito largo corte na parte circense do programa e envenenado as massas com um pouco de educação.

Constance sentia medo sempre que Clifford mostrava os seus verdadeiros sentimentos quanto ao povo. Havia algo terrivelmente verdadeiro em suas palavras — mas duma verdade homicida.